

Leonardo Fernandes

Universidade do Porto

Mestrado em Engenharia Mecânica (4.º ano)

Livro: O Estrangeiro

O Estrangeiro

O Estrangeiro «Hoje, a mãe morreu. Ou talvez ontem, não sei bem. Recebi um telegrama do asilo: "Sua mãe falecida: Enterro amanhã. Sentidos pêsames". Isto não quer dizer nada. Talvez tenha sido ontem». Assim começa 'O Estrangeiro'. Camus foge a todo e qualquer tipo de contemplação e lança sobre a mesa, uma das mais pungentes entradas de um livro na história. Mersault, o seu infame protagonista, inicia a sua cruzada, narrando aquilo que é o mais recente evento da sua vida. A morte da sua mãe. Mas o tom que é exalado é estranho, é diferente. Desde logo, a banalidade da discussão que inicia no primeiro trecho, divagando de forma leviana sobre em que dia terá, realmente, a mãe morrido. Sem, no fundo, parecer dar grande importância ao assunto. A narrativa prossegue e torna-se evidente que Mersault não tem sentimentos fortes relativamente à morte da mãe e, por isso, não demonstra emoção. A conduta de Mersault é normal, não há indícios de luto ou tristeza. Eleva-se um burburinho entre os residentes do asilo. Esta postura de Mersault é ativamente criticada. Mersault é julgado por não sentir nada em relação à morte da sua mãe ou, pelo menos, por não demonstrar nada. A narrativa prossegue. Camus descreve uma série de eventos, que se seguem, que nos deixam com um retrato verdadeiramente inusitado do protagonista. É aqui que ele dá largas asas às suas teorias do existencialismo e do absurdismo. Mersault toma uma série de decisões questionáveis aos olhos do leitor comum e sem que sobre o seu fundo, esteja algum processo de crença ou raciocínio que as justifique. Fá-las simplesmente porque sim. E não falamos de banais questões. Ética e moral batem-se, de forma dura, na arena. O bemestar de pessoas alheias ao seu círculo social, é por vezes comprometido e no entanto, o nosso protagonista não se parece importar, nem um bocado. Tudo isto, culmina, no final da primeira parte do livro, numa ação que viria a mudar, de forma drástica, a vida de Mersault. Num episódio verdadeiramente confuso, Mersault alveja fatalmente um árabe. Mersault vai a tribunal e é condenado à morte, sendo uma das bases da sua acusação, o facto de não ter chorado ou demonstrado emoção no funeral da mãe. Esta é a premissa da obra e Camus em 1955, escreveu sobre isto mesmo. «Eu resumi 'O Estrangeiro' há

muito tempo, com uma observação que admito ser altamente paradoxal: "Na nossa sociedade, qualquer homem que não chore no funeral da sua mãe corre o risco de ser condenado à morte. Só quis dizer que o herói do meu livro é condenado porque não joga o jogo."» Nós pensamos e aceitámos, sem grande luta ou estrebuchos, que somos livres. Pois bem, Camus diz-nos que talvez não seja bem assim. Não somos totalmente livres na sociedade. E se o formos, corremos o risco de ser excluídos. Como um jogo, exatamente como um jogo. Mersault é uma personagem diferente. Muitos assumem problemas em compatibilizarem-se com a obra, por sentirem problemas em empatizar com o protagonista. Mas esse é o ponto fulcral do romance. Desafiamos a ser parte integrante da história. Somos convidados, enquanto membros de uma sociedade, a conhecer uma figura limite, um extremo da humanidade e, por fim, somos tentados a julgá-lo. E, é óbvio, fica-nos pelo menos um trago amargo de injustiça na boca, quando vemos os trâmites segundo os quais, Mersault é julgado. Não é um julgamento justo. Fica-nos a sensação de que Mersault não é tanto condenado por ter matado um árabe, mas mais porque não chorou no funeral da sua mãe. Mersault funciona aqui como uma espécie de anti-herói. Uma personagem moralmente ambígua, mas que deve ser louvada pelo estoico ato de 'desembainhar a espada', na luta pela sua integridade e pela sua verdade. Mersault não esconde, em momento algum, ser quem é e nós, dentro de certas condicionantes, devemos seguir o mesmo caminho. Este ato corajoso de assunção da sua verdadeira personalidade, em praça pública, é de extrema importância, ainda para mais, nos dias de hoje. A diversidade cultural da nossa sociedade está em risco. Sei que é fácil que alguém discorde facilmente desta tese. O que aparentemente se vê, bem à superfície, não é exatamente isto que propalo. As localidades, as cidades, os países são, cada vez mais, meios de grande multiculturalidade onde aparentemente a diferença é aceite. As grandes metrópoles revestem-se, hoje, de todas as cores. O que nós não vemos é a massiva e quase totalitária cultura global que se ergue como pano de fundo desta cena de diversificação étnica e cultural das cidades. Hoje, podemos visitar diversos centros urbanos por todo o mundo, sem que daí, advenha um grande constrangimento ou sensação de choque cultural. Isto porque, em quase todos eles, fica a sensação de que já não são assim tão diferentes. É óbvio que há sempre marcas da cultura local que distinguem os diversos sítios que visitamos e ainda bem! A intriga está, na presença cada vez mais acentuada das corporações multinacionais que todos nós conhecemos, nas nossas vidas. Podemos fazer exatamente as mesmas refeições em qualquer lugar do mundo. Se sair de Portugal e visitar os EUA, a probabilidade de que as pessoas usem exatamente as mesmas roupas, marcas, gadgets, entre outros utilitários, é assoberbadamente alta. Um processo de 'igualização' encontra-se em curso no nosso mundo. Somos cada vez mais iguais. Hoje, queremos todos o mesmo, sonhamos com o mesmo, idealizamos o mesmo. Toda esta multiculturalidade que louvamos e prezamos,

e que no fundo é excelente e muito provavelmente parte daquilo que alguém definiria como utopia, é um must para o novo século e para o futuro das novas gerações humanas. O problema é que sobre este aparente holy grail do novo século, sobrepõem-se uma unificação das culturas, a ascensão de uma nova cultura global e o efeito geral de tudo isto não se traduz, de forma efetiva, numa multitude de novas ideias ou vontades. Apesar de conseguirmos concentrar, cada vez mais, em espaços mais e mais pequenos, uma maior diversidade de pessoas e culturas, não conseguimos que isso se efetive numa real diversidade de 'pensamento'. Pensamos todos, cada vez, de forma 'mais igual'. A globalização não se traduz só numa unificação dos bens e costumes, mas também numa unificação da maneira de pensar. Lemos todos os mesmos livros. Vemos todos as mesmas séries. Tudo o que é material cinematográfico e audiovisual está agrupado em três ou quatro grandes plataformas de streaming. Ouvimos todos a mesma música. Música que é partilhada nas redes sociais ou que nos é sugerida em plataformas como o Youtube ou o Spotify. Compramos a mesma roupa. Os mesmos gadgets. Os mesmos acessórios. E subliminarmente, debaixo de toda esta nossa adesão a este fenómeno de 'igualização', está o medo de exclusão. E isto, está cada vez mais, inconscientemente, enraizado debaixo da nossa derme. Por isso, apelo-vos, deem um tempinho ao senhor Albert Camus para que ele vos explique que vocês não têm de se transformar num quadrado só para encaixar na sociedade que vos rodeia. Se são um triângulo, aceitem-no e enverguem com orgulho, essa forma que vos define. Não se deixem esconder por falsas aparências. Não se envolvam com essa doença chamada hipocrisia de forma consciente. Tudo isto, só porque se sentem obrigados a 'jogar o jogo' com o prejuízo, se não o fizerem, de serem 'cancelados'. A tolerância é nos ensinada em pequenos, seja por via da doutrina religiosa ou por via do senso comum que nos é inculcado pelos nossos pais. Mas, não são poucas as vezes, em que não o somos. Não pensamos nisto, mas a nossa tolerância coletiva, enquanto sociedade, é de uma amplitude curtíssima. Tolerância e diversidade 'andam de mãos dadas'. Se a 'diferença' é eliminada, a nossa tolerância coletiva sofre e tornamo-nos mais 'pobres'. 'O Estrangeiro' funciona, por isso, como um trigger, não só para quem se sente 'fora da caixa' ou marginalizado pela sociedade, mas também, para todos aqueles que se sentem seus sólidos integrantes e comungantes dos seus princípios gerais. A sociedade é um meio para todos, desde que seja respeitada a liberdade individual de cada um dos seus membros. A diferença deve ser celebrada e conduzirá o nosso mundo numa senda de decrescente conflito e violência. Esta é a nossa primeira responsabilidade, enquanto membros da sociedade, abrir as portas à aceitação da diferença. E a nossa segunda responsabilidade, é termos coragem para nos libertarmos das amarras do possível constrangimento que achamos que podemos criar, só porque somos diferentes. Sabemos que o ser humano, enquanto entidade sozinha e individual, é fraco e vulnerável. Somos animais sociais e, como tal,

precisamos dos outros, precisamos da sociedade. Mas isto não implica que nos tenhamos de vender barato só para ser seus integrantes e ter a aprovação dos outros. Somos assim tão frágeis, ao ponto de, ter de ceder em tudo aquilo que somos, só para nos integrarmos num meio que nos é inóspito? Ser humanista não é visar, a todo e qualquer custo, ser parte de uma sociedade, ainda que intolerante às características que somos demasiado vulneráveis para expor. Não. Ser humanista é trabalhar em prol de uma sociedade elástica. Uma sociedade aberta, tolerante e livre de julgamento. Não é uma missão fácil e temos o exemplo próximo e recente, da comunidade LGBT. Eles sabem que são julgados e que uma fatia considerável da população rejeita aceitar a sua 'diferença'. Mas, ainda assim, 'envergam com orgulho a forma que os define'. Porque a vida não vale a pena se não pudermos ser quem, verdadeiramente, somos e se não pudermos lutar por isso mesmo. Na altura da sua publicação, em 1942, o livro conheceu, de imediato, sucesso. Era relevantíssimo o tema que Camus lançara para a mesa de reflexão da humanidade. Hoje, continua a ser um livro de grande importância para nós, mais do que nunca, num mundo extremamente polarizado e marcado pela ascensão de movimentos que visam a exclusão de pessoas diferentes da maioria étnica ou religiosa. E, não só do ponto de vista cultural, mas também do ponto de vista social. As redes sociais aparecem, hoje, como uma gigante ferramenta de seleção e exclusão. Facilitam o processo de julgamento social e o subsequente afastamento da 'manada'. Vivemos numa espécie de ditadura social, onde somos obrigados a admirar e propalar aquilo que são as tendências do momento, ainda que não nos revejamos, nem por um momento, nesse espectro de gosto. Tudo isto, sob pena, de sermos excluídos da 'coleção humana'. Por isso, digo, não só, é esta obra importante, hoje, como vai continuá-lo a ser, num futuro distante. Enquanto a humanidade viver e se organizar em sociedade, este vai ser um livro chave. Esta é uma expressão, que vos convido a adicionar ao vosso dicionário. Todas as sociedades humanas, ao longo das décadas e dos séculos, acumulam nos seus espólios, alguns símbolos de representatividade e orientação para os seus endógenos. No espólio da arte, estão algumas obras da literatura, os ditos livros chaves. Livros responsáveis por nos abrirem as portas da perceção. Livros que nos orientam pelos sinuosos e estreitos caminhos da vida. Livros que nos obrigam a parar e a reconsiderar aquilo que são os trâmites da nossa vasta e exigente condição humana, assim como todas as responsabilidades éticas e morais que dela advêm. 'O Estrangeiro' é um desses livros. No fim, Mersault encontra-se fechado numa cela, à espera da morte. Percebe o que talvez a mãe tenha sentido nos seus últimos dias, sozinha, no asilo. Liberta-se das suas últimas esperanças e resigna-se. «Para que tudo ficasse consumado, para que me sentisse menos só, faltava-me desejar que houvesse muito público no dia da minha execução, e que os espetadores me recebessem com gritos de ódio.» ta carta de lá